
Corpos negros, gênero e colonialidade na mídia: uma análise do episódio “Um dia, um adeus” da série Encantado’s¹

Jonice Nunes da SILVA²

Taynara Pouso NEVES³

Pâmela CRAVEIRO⁴

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

Encantado’s (Globoplay, 2022) é uma série centrada em personagens negros e ambientada em um supermercado que à noite vira escola de samba. O artigo analisa o episódio “Um dia, um adeus”, no qual a personagem Olímpia, mulher negra, que tem sua imagem embranquecida ao ser capa de revista. A pesquisa questiona como a mídia reforça a colonialidade da imagem sob discursos de diversidade. O objetivo é analisar os limites da representatividade negra e os mecanismos de controle simbólico sobre corpos negros femininos. A metodologia é qualitativa, baseada na análise crítica do discurso e em autoras como Crenshaw (1991), Bento (2022), Quijano (2005) e Mbembe (2016). O episódio evidencia práticas de exclusão e resistências comunicacionais vinculadas ao feminismo negro e à tecnodiversidade, contribuindo para o debate sobre justiça racial e poder midiático.

Palavras-chave: colonialidade; branquitude; tecnodiversidade; mídia; gênero.

1 INTRODUÇÃO

A série Encantado’s (Globoplay, 2022) destaca-se por representar, com leveza e humor, personagens negros em um cenário de resistência simbólica: um supermercado que se transforma em escola de samba. Nesse espaço urbano, a negritude é afirmada como centralidade, em contraste com as ausências históricas da mídia brasileira. O episódio “Um dia, um adeus” é exemplar ao evidenciar os mecanismos sutis de apagamento simbólico de corpos negros, com foco na personagem Olímpia. Mulher negra, mãe e neta de mulheres negras, ela é liderança respeitada e carrega consigo memórias e afetos de sua comunidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa.

² Jonice Nunes da Silva, Mestranda na Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGCOM/UFMT. Email: jonicenuness@gmail.com

³ Taynara Pouso, Mestranda na Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGCOM/UFMT. Email: pousotaynara@outlook.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidad de Vigo. Docente do Programa e Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGCOM/UFMT. Email: pamela.craveiro@ufmt.br

Convidada a ser capa de uma revista, Olímpia tem sua imagem embranquecida. O que se apresentava como reconhecimento revela-se violência simbólica: traços suavizados, pele clareada e estética apagada. A série escancara como o racismo estrutural atua nos discursos de diversidade da indústria da comunicação, que, ao mesmo tempo em que insere corpos negros, os reconfigura para que se adequem a padrões brancos de visibilidade.

A presente análise busca compreender esse movimento a partir de uma abordagem crítica. O problema que guia este artigo é: como o episódio “Um dia, um adeus” evidencia mecanismos de colonialidade e controle simbólico sobre corpos negros femininos na mídia brasileira? Como objetivo geral, pretende-se analisar as formas pelas quais esses corpos são ajustados ou silenciados, mesmo quando aparentemente celebrados, e quais resistências emergem desse enfrentamento comunicacional e estético.

Como objetivos específicos, busca-se: (i) investigar como a estética da série rompe com padrões midiáticos hegemônicos; (ii) compreender como a manipulação da imagem de Olímpia representa um apagamento simbólico vinculado à branquitude normativa; (iii) relacionar os conceitos de colonialidade, biopoder, necropolítica e pacto da branquitude às práticas de representação midiática; e (iv) discutir a resistência comunicacional e estética protagonizada por Olímpia e sua comunidade a partir de uma perspectiva decolonial e interseccional.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, conforme Bauer e Gaskell (2002), que apontam a centralidade dos sentidos e das práticas culturais nas análises qualitativas. A escolha justifica-se pelo interesse em investigar como o episódio constrói visualmente uma crítica à colonialidade da imagem.

A metodologia organiza-se em três etapas: (i) descrição dos elementos narrativos e estéticos do episódio; (ii) interpretação das representações de raça, gênero e poder; (iii) articulação teórica entre os sentidos produzidos e os autores mobilizados. Essa abordagem permite identificar como a série revela estratégias de controle e resistência dentro das disputas contemporâneas por visibilidade e dignidade dos corpos negros.

A análise compreende que não basta verificar a presença de personagens negros, mas de que forma essa presença é enquadrada, moldada e tensionada pelas lógicas normativas da comunicação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica se apoia em autores que discutem colonialidade, poder e representação. Quijano (2005) propõe o conceito de colonialidade do poder, que estrutura as relações sociais e simbólicas com base em hierarquias raciais e epistêmicas. Mignolo (2017) aponta que a colonialidade é o lado mais obscuro da modernidade, sustentada por um padrão eurocentrado que atravessa a comunicação.

Aguiar (2023) reforça a ideia de que a colonialidade na comunicação opera através do controle tecnológico, estético e discursivo, excluindo saberes e corpos que fogem da lógica dominante.

A discussão sobre biopoder, proposta por Foucault (1979), permite compreender como o poder moderno se exerce não apenas por repressão, mas pelo controle da vida e da visibilidade dos corpos. Esse conceito é ampliado por Mbembe (2016), que propõe a necropolítica como modo de gestão contemporânea da morte, indicando que o racismo define quem deve viver e quem pode morrer, inclusive simbolicamente, como na mídia.

Cida Bento (2022) apresenta o pacto narcísico da branquitude, um acordo implícito entre pessoas brancas para manter seus privilégios e garantir a centralidade simbólica da branquitude, inclusive nas imagens midiáticas.

A interseccionalidade, conceito formulado por Crenshaw (1989), é fundamental para analisar como raça e gênero atuam conjuntamente para estruturar a exclusão das mulheres negras. A série evidencia essa intersecção ao explorar os efeitos do apagamento simbólico sofrido por Olímpia e a reação comunitária que ele provoca.

4 ANÁLISE

O episódio analisa uma prática de necropolítica visual ao mostrar a manipulação da imagem de Olímpia. A maquiagem que clareia sua pele, os enquadramentos fotográficos que anulam sua identidade estética e o ambiente frio do estúdio expõem o controle simbólico da branquitude sobre os corpos negros.

A tentativa de tornar Olímpia “apresentável” é uma estratégia de silenciamento visual e político. A narrativa da série evidencia que esse controle simbólico opera não como exceção, mas como norma, inclusive em contextos que se dizem inclusivos.

A reação da comunidade é também significativa. Ao se revoltar contra a capa embranquecida, os personagens constroem uma ação coletiva de enfrentamento e reexistência, o que pode ser interpretado à luz do conceito de quilombismo (Nascimento, 1980; Bento, 2017), entendido aqui como prática comunicacional e política que se opõe à colonialidade.

O território de Encantado's, com sua estética suburbana e linguagem popular, é lido como espaço simbólico de afirmação negra. A série não apenas inclui personagens negros, mas os centraliza como produtores de memória, cultura e saberes.

A presença de Olímpia como figura de liderança rompe com os estereótipos da mulher negra na mídia, que geralmente a enquadram como subalterna, hipersexualizada ou caricatural. A tentativa de embranquecer sua imagem é, portanto, uma reação à sua potência simbólica e política, revelando como a mídia reage à presença negra com tentativas de domesticação estética e simbólica.

A série evidencia que o espaço simbólico da mídia não é neutro. É um território onde se disputa não só o direito de aparecer, mas o direito de existir com autenticidade. O pacto da branquitude opera justamente nesse campo, estabelecendo normas sobre quem pode ser visto, como pode ser visto e em que condições.

Essa lógica se expressa na decisão editorial que altera a imagem de Olímpia: um gesto que reforça o ideal branco como norma e marginaliza a estética negra como desvio. Ao tornar aceitável apenas o corpo negro ajustado à branquitude, a mídia perpetua práticas coloniais sob o discurso da inclusão.

Mbembe (2016) alerta para as zonas simbólicas de morte: espaços onde corpos racializados são excluídos não apenas fisicamente, mas simbolicamente. O gesto de embranquecer Olímpia é uma dessas mortes simbólicas. A tentativa de anular sua estética é uma forma de negar sua subjetividade, sua história e sua coletividade.

Nesse ponto, a comunicação é compreendida como tecnologia de poder. O audiovisual não apenas representa, mas produz sentidos sociais. A disputa pela imagem é uma disputa por poder e memória.

A análise do episódio, portanto, mostra que a visibilidade negra não pode ser pensada apenas em termos quantitativos, número de aparições ou personagens, mas em

termos qualitativos: quais histórias são contadas, quem tem voz, quem pode ocupar o espaço público com sua estética, memória e densidade histórica.

A perspectiva interseccional permite aprofundar a análise ao considerar os marcadores simultâneos de raça e gênero. Escosteguy (2020) propõe que os feminismos no Brasil passaram por diferentes ciclos, e é apenas no mais recente, o “quarto impulso”, que as experiências das mulheres negras ganham visibilidade e força política.

Esse impulso é marcado por movimentos sociais, mídias digitais e produção de conhecimento crítico, que tensionam a centralidade do feminismo branco de classe média. Olímpia se insere nesse contexto como figura que expressa uma resistência negra e feminina interseccional.

Ao rejeitar a capa embranquecida, ela rejeita também os moldes estéticos e simbólicos impostos à mulher negra. Sua resistência é coletiva, ancestral e comunicacional. Não se trata apenas de uma personagem que discorda da capa, mas de uma mulher negra que ativa uma rede comunitária e simbólica para afirmar sua imagem e seu lugar. Esse gesto se articula com os debates sobre representatividade: não basta aparecer. É preciso aparecer com autonomia, com agência, com a possibilidade de narrar a si mesma.

O episódio mostra que há uma diferença entre ser representado e ter representatividade. A primeira pode ser moldada pelos critérios da branquitude. A segunda exige ruptura, subversão da norma e construção de sentidos a partir da vivência e da estética negra. A narrativa propõe, portanto, uma disputa simbólica real: quem define o que é belo? Quem controla a imagem? Quem pode dizer o que é aceitável?

Nesse ponto, o conceito de tecnodiversidade (Sodré, 2002; Santos, 2005) ajuda a ampliar o olhar sobre as formas de resistência comunicacional. A tecnodiversidade refere-se à apropriação e reinvenção das tecnologias comunicacionais pelas comunidades negras para produzir sentidos e afirmar identidades. A série evidencia essa tecnodiversidade ao mostrar como os personagens se mobilizam para responder à violência simbólica da revista. A imagem real de Olímpia circula entre os funcionários, gera contrariedade e reafirma a centralidade de sua estética como símbolo de orgulho e resistência.

Essa apropriação da imagem, mesmo em um espaço midiático hegemonicamente branco, representa uma reconfiguração dos sentidos da visibilidade. A resistência não é

apenas defensiva. Ela é propositiva: propõe outras formas de existir na mídia, outras formas de narrar e de ser visto.

Cida Bento (2022) destaca que resistir é disputar o campo simbólico. E essa disputa se dá também no cotidiano: nas decisões editoriais, nos enquadramentos, nas estéticas, nas vozes autorizadas. A tecnodiversidade se manifesta nas mídias digitais, nas redes sociais e também nas produções culturais como Encantado's. Ela permite que outras narrativas circulem, escapando das molduras eurocentradas. É uma forma de insurgência estética, epistêmica e política. Olímpia, nesse sentido, não é apenas personagem de uma trama ficcional. Ela encarna sujeito de afirmação de subjetividades negras, que questiona os moldes impostos e propõe novas formas de ser, de narrar e de pertencer.

A leitura do episódio permite reconhecer que práticas de silenciamento simbólico operam mesmo em contextos aparentemente festivos. O caso de Olímpia não é isolado, mas exemplifica como a comunicação continua sendo território de disputa racial e estética. Ao recusar a moldura da branquitude, a personagem tensiona não apenas sua imagem, mas todo o sistema de mediação simbólica. Essa recusa aponta caminhos para uma comunicação mais plural, insurgente e comprometida com a justiça social.



Imagem 01: Elenco Encantado's na matéria sobre o fim da série
Fonte: redeglobo.globo.com (2022)

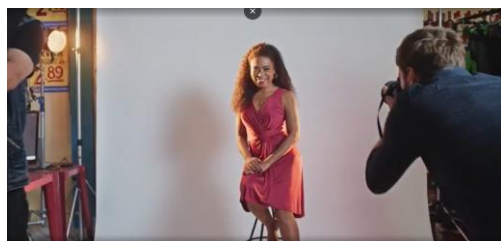


Imagem 02 – Olímpia fotografada para a revista
Fonte: Print da autora, extraído de globoplay.globo.com (2022)



Imagem 03 – Capa da revista pronta
Fonte: Print da autora, extraído de globoplay.globo.com (2022)



Imagem 04 – Olímpia e Maria Augusta (cunhada de Olímpia) recebendo o exemplar da revista.
Fonte: Print da autora, extraído do Globopláy/redeglobo.globo.com (2022)



Imagem 05 – Seu Micélio – cliente do Encantado's pegando a revista da banca.
Fonte: Print da autora, extraído do Globopláy/redeglobo.globo.com (2022)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O episódio “Um dia, um adeus” sintetiza uma crítica profunda às formas como a mídia lida com a presença negra: aceita-a apenas sob controle, sob ajustes estéticos, sob domesticação simbólica.

A manipulação da imagem de Olímpia é reveladora da persistência de lógicas coloniais e racistas nos discursos de diversidade. Ao expor essa manipulação, a série convida à reflexão sobre a autenticidade das representações e sobre os mecanismos de exclusão simbólica que ainda estruturam o campo da comunicação.

A análise revela que a mídia ainda funciona como um dos principais aparelhos ideológicos da colonialidade, operando por meio de imagens que excluem, silenciam ou moldam corpos racializados. No entanto, também mostra que esse campo pode ser tensionado, enfrentado e transformado por práticas de resistência.

A resistência de Olímpia e de sua comunidade é uma prática de tecnodiversidade e de feminismo negro. Ela nos lembra que a luta por visibilidade é, na verdade, uma luta por dignidade, por memória e por justiça epistêmica. Ao afirmar sua estética, sua história e sua voz, Olímpia representa milhares de mulheres negras que seguem, diariamente, disputando espaços e sentidos.

Conclui-se que uma mídia verdadeiramente democrática só será possível quando as epistemologias, estéticas e narrativas negras forem não apenas incluídas, mas centralizadas. Quando a visibilidade não for concessão, mas direito. Quando existir, resistir e comunicar forem, de fato, práticas de liberdade.

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. **Colonialidade da comunicação: epistemologias do sul e insurgências**. 2023.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos narcísicos da branquitude no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

ENCANTADO'S. Um dia um adeus. Direção: Aly Muritiba. Série de comédia. 2. temporada, episódio 7. Rio de Janeiro: Globoplay, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12647642/> Acesso em: 20 jun. 2025.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Gênero, comunicação e feminismo: trajetórias, revisitas e interseccionalidades**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 27, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

REDE BAHIA. Funcionários lamentam o fim do Encantado's e precisam lidar com uma nova realidade. *Rede Globo*, 25 out. 2023. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/redebahia/noticia/funcionarios-lamentam-o-fim-do-encantados-e-precisam-lidar-com-uma-nova-realidade.ghml>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 2002.